

# SOBRE O PRAGMATISMO E O *TARDEMAIS*

– Notas –

Paula O Carvalho<sup>1</sup>

[...] We rise, we fall. We may rise  
by falling. Defeat shapes us.  
Our only wisdom is tragic, known  
too late, and only to the lost.

GUY DAVENPORT<sup>2</sup>

Death will be too late to bring us aid .

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

(*Paterson*, livro III, 1)

## 1. Introdução

O que significa dizer que a NovaMente é *pragmática-instrumentalista*? O que isso tem a ver com a proposta da *Diferocracia*? O que é o *pragmatismo do reviramento*? O que é o *Tardemais* (Too Late) para a NovaMente? Partimos dessas

---

<sup>1</sup> Mestrado em Psicologia Clínica (PUC-RJ). Formação em Psicanálise (NovaMente/RJ)

<sup>2</sup> Epígrafe de *Quando Deixamos de Entender o Mundo*, de Bejamín Labatut.

questões com o intuito preliminar de introduzir os temas e abrir caminho para novos estudos e entendimentos.

Segundo MD Magno, existe uma linhagem que vai de Charles Sanders Peirce, William James, passa por John Dewey, Anísio Teixeira e chega a sua teorização. Além disso, as obras dos irmãos James – William e Henry – diz Magno, podem ser consideradas precursoras da Teoria das Formações, que está na base da NovaMente. E Peirce, como fundador da Semiótica (ou Semiologia), esclarece Magno, também se faz presente pelo fato de a Semiologia estar no cerne da Teoria das Formações.

No Seminário *Psychopathia Sexualis* (1966), Magno afirma uma *pragmática* como prática de retorno após a *Indiferenciação*. No mesmo Seminário, articula o pragmatismo ao estatuto místico da psicanálise e sugere a seguinte denominação: *pragmatismo místico*. Mais recentemente, ao encarecer o pensamento do filósofo Roberto Mangabeira Unger, ele acentua que o pragmatismo radical defendido por Unger é o *pragmatismo do reviramento*.

A proposta da *Diferocracia* e do governo *ad hoc* é bem antiga no pensamento de Magno. Ela “é mais do que aceitar as diferenças”, pois aponta “uma forma de organização social, digamos até de governo, que de algum modo sustente *todas* as

diferenças” (Magno<sup>3</sup> [2003], p. 45). A partir da referência à *Indiferença*, acolhem-se radicalmente todas as diferenças. Além disso, é preciso “inventar dispositivos, ferramentas, etc., que possam dar conta *ad hoc* dos problemas” ([2020], p. 101). Uma política instrumental que terá a duração de sua eficácia. Mas salienta: antes ainda de pensarmos na constituição de uma sociedade governável deste modo, é preciso primeiro a instauração de uma mente diferocrática ([2011], p. 53).

Estudioso da obra dos irmãos James, David Lapoujade estabelece como um dos problemas centrais de William e Henry a relação entre conhecimento, verdade e ação, lembrando que esses termos têm significação própria no campo do pragmatismo. Além disso, diz Lapoujade, Henry trabalha com uma ideia de fundo que perpassa todos os seus romances: o *tarde demais*. Magno equipara a estrutura do *tarde-demais* ao só-depois (*nachträglich*) freudiano: a posterioridade do sentido, do qual não escapamos. As seções 3 e 4 abaixo tratarão desse tema.

---

<sup>3</sup> A partir daqui, as referências aos textos de Magno serão apenas indicadas pelas datas entre colchetes. As referências completas estão no final do artigo.

## 2. Pragmatismo

O Pragmatismo surgiu quando Charles Peirce apresentou aos colegas do *Clube Metafísico* (denominação mais irônica do que séria) suas anotações oriundas das discussões do grupo. Nesse início, a ideia seria estabelecer um método para determinar os significados de palavras difíceis e conceitos abstratos. As anotações de Peirce foram ampliadas e dois artigos foram publicados, *The Fixation of Belief* (1877) e *How to Make Our Ideas Clear* (1878). Mas foi somente vinte anos depois, em 1898, com William James – que era um dos integrantes do Clube – que o Pragmatismo passou a ser amplamente difundido tornando-se um importante movimento intelectual.

Em 1905, Peirce renomeou sua teoria chamando-a de *Pragmaticismo*, para diferenciá-la dos desdobramentos tomados e, muito antes, James insistia em chamá-la de *Practicalismo*, para acentuar a práxis, mas parece que ambos não tiveram muito sucesso nesse sentido. De maneira geral, *Pragmatismo* foi o termo que ‘pegou’. John Dewey também rejeitou o modo tradicional de fazer filosofia com sua divisão entre saber e agir, conhecimento e ação, e preferiu chamar seu pragmatismo de *Instrumentalismo*. Dewey, assim como Peirce, via o Pragmatismo primariamente como um método e alargou

sua aplicação. Coube a Anísio Teixeira introduzir o pragmatismo no Brasil, com a implantação de suas ideias principalmente na esfera educacional. Anísio Teixeira foi professor, mestre e amigo de MD Magno e influenciou fortemente a produção teórico-clínica da NovaMente.

Segundo Thamy Pogrebinschi, hoje o Pragmatismo transita entre a filosofia, a sociologia e a política e pode ser definido a partir de um núcleo teórico com três termos: o antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo, núcleo esse interrelacionado e interdependente. Assim, para a autora, o Pragmatismo prescinde de todo e qualquer tipo de fundação e dogma, é só um método, uma orientação; seu antifundacionalismo é considerado tanto ponto de partida como ponto de chegada. Rejeita a metafísica, como já intuímos pela provocação do nome dado ao Clube, salienta a não certeza quanto aos conceitos tradicionais de verdade e realidade e se apresenta sob a forma de uma incessante crítica.

Para Pogrebinschi, nas mãos de James e Dewey, o Pragmatismo passa a ser também uma teoria da verdade. A verdade, em James, diz ela, é um processo com caráter relacional e dinâmico. E tanto a realidade quanto a verdade se constituem e se reconstituem continuamente. Mas é o consequencialismo (também chamado de instrumentalismo),

segundo a autora, a característica mais conhecida do Pragmatismo, que procura antecipar as consequências práticas de tudo. As teorias passam a ser instrumentos, e não respostas acabadas, não há verdade final. Já o contextualismo, como o nome sugere, insiste na importância do contexto, levando em conta o corpo de crenças atuantes (políticas, religiosas, científicas etc.). Dewey observa que o contexto está tão aderido às nossas vidas que, muitas vezes, temos dificuldade de percebê-lo. Há um ‘pano de fundo’ sobre o qual emergem os pensamentos.

Ao discorrer sobre a filosofia (da experiência) de Dewey, Anísio Teixeira, afirma que o conhecimento para Dewey “se origina em uma situação de perplexidade” (Teixeira: 1977, p. 64). Sua teoria lógica ou do conhecimento é uma teoria da pesquisa, inquirição, indagação ou investigação (*theory of inquiry*) e representa a lógica da experiência e da descoberta. Além disso, “todo conhecimento é um produto provisório de investigações competentes” (*id.*, p. 67), exigindo desse modo constante revisão.

Para Cornelis de Waal, um dos editores dos *Writings of Charles S. Peirce*, o método pragmático era visto pelos membros do Clube Metafísico como algo praticado desde a Antiguidade, como fica claro no subtítulo dado por James a seu

livro *Pragmatismo*: “Um novo nome para algumas antigas maneiras de pensar” (Waal: 2007, p. 18). De forma restrita, para Peirce, “o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de *qualquer* conceito nada mais do que a soma total de suas consequências práticas concebíveis” (*id.*). E de forma ampla, que começou com James, o Pragmatismo conecta teoria e prática, pensamento e ação, rompendo esses dualismos. Waal também afirma que, com James, o Pragmatismo, além de teoria do significado, é uma teoria da verdade: “para o pragmatista uma coisa é verdadeira quando é vantajoso acreditar nela” (*id.*). Segundo o autor, há uma divisão entre os pragmatistas quanto à questão de saber se o princípio que define o campo é apenas um critério de significação ou se é também um critério de verdade; em Peirce, afirma, a verdade é uma consequência, não uma característica definidora do Pragmatismo. Waal diz ainda não ser sem importância o fato de o Pragmatismo ter nascido nos Estados Unidos da América. Vários autores (incluindo os críticos) tecem diferentes correlações a esse respeito.

Nosso breve estudo não pretende entrar na complexa e rica teoria de Peirce, mas achamos importante deixar assinalado que sua elaboração sobre o Pragmatismo pode ser dividida em dois períodos: o primeiro culmina com o artigo de 1878, e o segundo

começa na virada do século XIX para o XX. Foi no segundo período que Peirce quis se distanciar dos outros pragmatistas e o renomeou de Pragmaticismo, como já assinalamos. Segundo Waal, a diferença básica entre Peirce e James vem do fato de o primeiro ser um realista, cuja ênfase recai no geral e o segundo ser um nominalista, com ênfase no particular. Nesse sentido, James enfatiza as experiências e Peirce pensa primordialmente em termos de regras de ação, que chama de hábitos (que são gerais, não particulares).

Peirce defende que o pensamento é feito necessariamente por meio de *signos*, “e o significado de um signo está naquilo para o que ele aponta” (Waal: 2007, p. 29). Em sua segunda fase, na vertente semiótica, Peirce elabora as famosas categorias fenomenológicas, que são características gerais encontradas em todos os fenômenos: a primeiridade (experiências espontâneas; o fenômeno ‘tal como ele é’), a secundidade (experiências de bruta alteridade; envolve dois fenômenos, mas sem relação entre os dois) e a terceiridade (experiências cognitivas, relacionais, conceituais e de mediação). Não é possível haver terceiridade sem secundidade e sem primeiridade e vice-versa. As três categorias hipoteticamente puras estão presentes em tudo que pensamos. Assim, a terceiridade (relações), vista como generalidade, é um constituinte de todos os fenômenos. E



retomando a ideia geral do que é o Pragmatismo, extraímos de Waal a seguinte definição: “para Peirce, o pragmatismo é um método para determinar o significado dos conceitos, ideias, crenças, alegações, proposições, etc., de qualquer coisa que pode agir como um signo” (*id.*, p. 41).

Em *William James, A construção da experiência*, David Lapoujade afirma que o Pragmatismo, também chamado de Pluralismo, para James é, em primeiro lugar, um “*método de avaliação prática*” e, em segundo lugar, “*uma ferramenta de construção* (ou uma teoria genética daquilo que entendemos por verdade, segundo os termos de James)” (Lapoujade: 2017, p. 13). As ideias e conceitos devem ser avaliadas em função de suas consequências práticas e são inseparáveis dessas mesmas consequências. E em *Ficções do Pragmatismo*, ao tratar do *conhecimento* no universo dos irmãos James, Lapoujade destaca como um dos aspectos centrais o processo de *verificação* pelo qual os conhecimentos devem passar para se mostrarem verdadeiros. Uma ideia é verificada até onde ela funciona e se revela operatória, afirma. “Nenhum ponto de vista é o último. A verdade é sempre transitória, revisável e móvel” (Lapoujade: 2022, p. 210).

Com a intenção de resgatar a vitalidade perdida do Pragmatismo, Mangabeira Unger propõe um pragmatismo

radical e, do mesmo modo, a reconstrução da democracia com uma nova democracia, agora radicalizada, aberta à reinvenção permanente. Segundo ele, há uma crença, “de que uma sociedade democrática tem uma forma institucional única e indispensável” (Unger [2007], p. 33), e chama a atenção para o fato de que as instituições e ideologias não são objetos naturais, de modo que podemos e devemos reconstruir a sociedade e a cultura organizando uma constante e gradativa revisão experimental. Trata-se de um projeto em aberto que afirma a realidade da diferença e da transformação. E o Brasil especificamente, costuma dizer Mangabeira em entrevistas, possui uma posição privilegiada no cenário mundial em função de seu sincretismo e grande anarquia criadora.

### 3. Henry James e o Tarde Demais

Segundo Lapoujade, os personagens de Henry são poliedros com “temporalidades coexistentes” (Lapoujade: 2022, p. 107). Na coexistência dos tempos o destaque recai sempre na fatalidade do tarde demais, que vem a ser “a estrutura geral do tempo em Henry James” (*id.*, p. 299). E uma boa analogia para esse sintagma na obra do escritor é pensarmos na música e considerá-lo como uma “*nota do tempo*, aquela em que vibram todas as narrativas de James, a nota do *tarde demais*” (*id.*). O tempo funciona, para os personagens, a partir de

“temporalidades paralelas”, “assíncronas” (*id.*, p. 23); há o “tempo do mundo” e o “tempo das vidas”, que não se encontram (*id.*, p. 300). Os protagonistas de Henry estão sempre atrasados em relação ao que lhes acontece; a percepção e a significação nunca coincidem e criam constantes efeitos de atraso (*id.*). “Nenhum personagem escapa a essa fatalidade. (...) quando compreendem o que aconteceu, quando desvelam, finalmente, o segredo, é para perceber que, na realidade, é tarde demais e não poderia ser de outra maneira” (*id.*, p. 299-300).

A novela *A Fera na Selva* foi publicada em 1903, na etapa final da obra de Henry James, e é um dos textos mais exemplares do tarde demais, diz Lapoujade. Nela, o tarde demais pode ser descrito como a “quarta dimensão que reina sobre as três outras” – passado, presente, futuro (*id.*, 301). A questão está centrada no futuro, que substitui o presente. A ideia fixa de John Marcher, o protagonista, o impede de ver tudo aquilo que não corrobora com sua obsessão, a ideia de que lhe está prometido um futuro excepcional e heroico, e espera pelo acontecimento que ele julga capaz de transformar sua vida. A vida, ao invés de ser um “sistema de trocas e gastos”, passa a ser um “capital vazio” (*id.*, p. 320). John está sempre preocupado em poupar, preservar e proteger sua vida (*id.*, p. 93). Guardar-se para uma ocasião mais nobre, reservar-se para

“uma ação formidável que valerá mesmo a pena” (*id.*, p. 318). Sua “longa vida de espera (...) se resume, na realidade, a um medo da vida” (*id.*, p. 92).

Ao final da novela, John passa pela experiência de uma ‘morte’ (entre aspas) e tem acesso ao presente, descobre que *não teve vida*. Ou melhor, toda sua vida foi uma ocasião perdida, desperdiçada, nunca tocada por paixão alguma, apenas sobreviveu (*id.*, p. 307). Sentidos diferentes foram dados à *fera*, diz Lapoujade. Para ele, a fera é a “revelação da ordem do próprio tempo (...) O tempo como perda irreparável (...) Cronos devorador” (*id.*). “O salto final da fera se confunde com o imenso grito de frustração por ter passado ao largo da vida” (*id.*, p. 308). E o absurdo de suas crenças e de sua vida lhe salta na cara. (*id.*, p. 317).

Lapoujade dá grande destaque, em Henry James, à figura do celibatário, que se conecta intrinsecamente com o tarde demais; trata-se de indivíduos reclusos, isolados, ressentidos com suas performances e vidas. Aqui, o celibatário é “condição de existência” e não realidade social (*id.*, p. 301). “É celibatário aquele que vive separado de seu próprio presente, do presente no qual ele poderia agir”, mas não age (*id.*). São personagens que James chama de pobres homens sensíveis, “sensibilidade que eles só exercem sobre si mesmos” (*id.*, p. 322). E as

mulheres jovens são postas em contraposição a eles; são escolhidas para representar o presente; “são uma imagem invertida dos celibatários, seu simétrico inverso” (*id.*). Mas isso não as retira também de um destino trágico. As relações que o celibatário mantém não transmitem nada: “Ele não dá nem recebe. Ele é *não condutor*” (*id.*, p. 301). São figuras de espera e de ressentimento e não se conformam com a perda daquilo que, na verdade, nunca tiveram. Se outros tiveram, eles deveriam ter também, portanto, estão lhe devendo. “Suas ideias não levam a lugar nenhum, a não ser sempre ao mesmo ponto, à mesma ideia fixa” (*id.*).

#### 4. O TARDEMAIS NovaMente

Em 2004, no Falatório *Economia Fundamental*, Magno intitula uma das seções de TOO LATE. Nela, afirma que estamos no regime do TARDEMAIS: o que quer que se faça é TARDEMAIS. Trata-se de um problema da espécie, que veio assim ‘da fábrica’; não é um problema do Secundário ou do Originário. Nesse sentido, diz que a espécie já está superada, obsoleta. “A espécie é retardada em seus movimentos relativos aos efeitos do que ela produziu à sua própria revelia” ([2004], p. 199). Segundo Magno, temos muita dificuldade de gerir o repertório a tempo, estabelecendo-se no mais das vezes um

atraso. Nosso problema “é o conjunto das Morfozes somadas à posterioridade do sentido e ao *conatus* das formações” (*id.*, p. 202). Lembrando que o *conatus* espinosiano significa *resistência* das formações em psicanálise. E que o *só-depois* – tradução de Magno para o *nachträglich* freudiano – significa que o suposto sentido de qualquer coisa só se dará posteriormente, “depois de tudo feito”, e não ao mesmo tempo. Desse modo, temos uma aliança maldita do *só-depois* com a *resistência*, que se mostra no fato de a imbecilidade humana ser mais contumaz do que sua engenhosidade. São sempre muito poucos aqueles que investem mais na fluidez do que na resistência. Para Magno, seria preciso que vivêssemos muito mais ou que aprendêssemos muito mais cedo, aos três, cinco anos, como vemos em casos de crianças musicistas, por exemplo. O que é possível fazer diante disso? Sua hipótese é correremos um pouco no sentido de ser contemporâneos de nós mesmos e dos processos. Apertar o passo, pular para a frente e, com sorte e muito investimento, inventar presente e futuro.

Em *A Rebelião dos Anjos*, 2007, Magno retoma o tema e propõe um *mot-valise* para a psicanálise: TARDEMAIS. E esclarece, mais uma vez, que o *só-depois* (*nachträglich*) trazido por Freud postula que as sequências tanto dos fatos quanto das falas só alcançam sentido terminada a sequência, portanto,

quando é TARDEMAIS para “resolver problema algum para a frente”, servindo “só para entender o que não tem jeito para trás” ([2007], p. 189). E chama a atenção para a obra do romancista Henry James, cujo pano de fundo é o TOO LATE. A intervenção do psicólogo *antes-ainda* como trabalho preventivo se problematiza, e a “a única prevenção possível é, desde o começo, fazer a referência a não-Haver” (*id.*, p. 188), nossa base fundamental. Magno também sinaliza que a postura do analista é compatível com o entendimento do *só-depois* freudiano, visto que o analista em sua escuta, ao contrário do psicólogo, “não tem projetos, tem reconhecimentos” ([2020], p. 194).

Mais recentemente, Magno tem questionado a relação da psicanálise e dos psicanalistas com o advento – agora mais evidente e em franco desenvolvimento – da Inteligência Artificial. Que cabeças estão inventando o futuro? O futuro que nos interessa, em progressão, não o regressivo. E em 2018, afirma: “Quem manda é techné, o que importa na vida é Arte” [no sentido de articulação, criação, invenção] “o resto é só figuração” ([2018], p. 67).

## 5. Pragmatismo do Reviramento

Um riquíssimo campo com propostas advindas de grandes pensadores da tradição pragmática com denominações diversas – pragmatismo, pluralismo, pragmaticismo, practicalismo,

pragmatismo radical, instrumentalismo – nos remete, ao final, àquilo que mais interessa: o pragmatismo-instrumentalista, o pragmatismo-do-reviramento ou pragmatismo-místico trazido por MD Magno. E podemos acrescentar: o Pragmatismo transita não somente entre a filosofia, a sociologia e a política, mas também, e principalmente, entre a pedagogia e a psicanálise.

A psicanálise inaugura um novo modo de pensar a partir da postulação do conceito de *Trieb* (*Pulsão*) trazido por Freud (*Tesão*, na tradução de Magno) com pretensão de “intervenção direta e imediata nas ocorrências do mundo” e, particularmente, na vida das pessoas ([1999], p. 16). Partindo de Freud e passando por Lacan, a NovaMente reformata o campo com o conceito-chave de Revirão que explicita nossa especificidade enquanto espécie e o entendimento do que seja o pensamento místico, a partir da indicação freudiana de ‘neutralidade do analista’ como postura essencial a ser perseguida. A Lei extraída do *tesão* diz: Haver quer não-Haver, sendo que não-Haver não há, é impossível. O Inconsciente / Haver é *sexual* e *místico*. O movimento místico (carreado pelo *tesão*) entendido como vontade de transcendência não encontra sua efetivação, como o *sexo* (castração, corte, secção) sempre atesta. Ou seja, o movimento do *tesão* requer uma



transcendência que não há, não há nada além, “quebra-se a cara” nessa requisição, e a exasperação provocada por esse movimento propicia, no retorno, chances de criação.

Magno chama a atenção para possíveis mal-entendidos que a palavra místico/misticismo provoca, sendo confundida frequentemente com credices de toda ordem. O significado dessa ideia – a mística – é o de afastamento, distanciamento do mundo, olhar o mundo de longe, posturar-se de maneira a “não ser imediatamente *afetado* pelo mundo, tornar-se *indiferente* a ele” ([2015], p. 267); um exercício permanente de equalização dos valores propiciado pela referência a uma instância HiperDeterminante (que faz parte de nosso maquinário cerebral). A *mente* da metapsicologia proposta por Magno é resultante do Originário em suas transas com o Primário e o Secundário. Nesse sentido, é importante lembrar que a meta da Indiferenciação como postura fundamental do analista é de atingimento impossível, trata-se de uma “aproximação assintótica” ([2021], p. 219). Como bem explicita Nelma Medeiros, há um projeto da NovaMente de acelerar a “secularização [da psicanálise] partindo de uma visão leiga da Mística como seu estatuto” (Medeiros [2020], p. 328).

Outro ponto importante a salientar brevemente é o que trata do *conhecimento*. A NovaMente considera todo e qualquer

conhecimento – e não apenas o conhecimento científico – como “a resultante utilizável de qualquer transa entre formações” ([2021], p. 139); e destaca duas posturas de conhecimento, a *indução* e a *abdução* – trabalhadas por Peirce e pelos pragmatistas – como também importantes para a psicanálise. “A indução é raciocinar de particulares para uma lei geral. Já abdução raciocina dos efeitos para as causas” (*id.*, p. 141). A indução é mais usada na psicanálise no estabelecimento da teoria e a abdução é mais frequente na clínica, diz Magno. E Freud “sempre buscou uma compreensão semiológica das formações do inconsciente” (*id.*, p. 142). A NovaMente retoma esse caminho freudiano com a Teoria das Formações aliada a uma Teoria do Conhecimento, nomeada *Gnômica*, que rompe com as epistemologias vigentes e as substitui por uma “Gnoseologia, na qual o conhecimento é sempre agoraqui, *ad hoc*” (*id.*, p. 208). Assim, é possível o estabelecimento de uma “*Hierarquia ad doc*: a cada caso designar a ordem dos valores em função da possível e suposta eficácia da resolução do problema” (*id.*).

Magno reafirma a tarefa clínica da psicanálise e salienta que o exercício da cura é o sentido último da teoria. A busca por resultados está em todos os expoentes do campo a começar com Freud e Lacan. Diz ele: “Clínica pessoal ou Clínica Geral são a

prova dos nove da ciência do Inconsciente” (*id.*, p. 140). As consequências práticas da clínica psicanalítica são uma exigência. A teoria e a prática como dois lados de uma mesma moeda e a sua inseparabilidade é mais uma vez explicitada: “A teoria é uma prática mental e a prática é uma teoria aplicada” (*id.*, p. 23). E o que sempre a psicanálise preconizou “é a possibilidade de se produzir um aparelho, uma prótese de intervenção no mundo e entender que não passa de ser esse aparelho, essa prótese. (...) É uma posição *ad hoc*, agoraqui” ([2000/2001], p. 184).

Desse modo, podemos dizer que a NovaMente é um pensamento pragmatista, místico-secular, semiológico, instrumental-protético e *ad hoc*.

Mangabeira Unger se utiliza ainda de velhos termos, mas seu pensamento é potente por trazer o *ato* para o pragmatismo, tornando-o radical, diz Magno. Trazer o ato como invenção / acontecimento é trazer o reviramento ao campo pragmático. Em congruência com a postulação do Revirão, destacamos o que Mangabeira chama de “capacidade negativa” da mente humana: “uma manifestação direta de nosso poder divinizado de ultrapassar e estabelecer cenários de ação e pensamento” (Unger [2007], p. 163). Assim, o “poder de subverter a si mesmo” é o atributo mais importante do pensamento (*id.*, p.

154). Mas lembramos a ressalva, feita por Magno, de que a mente não apenas nega, se contrapõe, pois há um reviramento em jogo, e isto é o que nos qualifica enquanto *IdioFormações* (ou *Pessoas*, em nosso caso). “Mudar [a situação] não é apenas dizer não, é, sim, querer o contrário do que é apresentado. *Criar* é fabricar a contraposição, é não estar submetido nem às imposições da natureza nem às da cultura” ([2020], p. 61).

Um novo e melhor nome para o pragmatismo, além dos já trazidos, seria nomeá-lo ADHOCRACIA, afirma Magno.

Outra ferramenta importante de leitura e entendimento trazida pela NovaMente – os *Cinco Impérios* – expõe nosso caminho cultural em seu novo rosto: o Quarto Império, resultado da aceleração tecnológica e informacional, que já está em andamento. Marcel Duchamp é um dos precursores e inventores desse novo Império. Evocamos Duchamp em nosso estudo por nos remeter inevitavelmente à ideia do *Celibatário* como “projeto existencial e intelectual” (Tomkins: 2013, p. 9). A conotação “negativa” dada ao celibatário em Henry James se torna positiva na obra e na vida de Duchamp. *A Noiva Despida por seus Celibatários, Mesma* [como Magno traduz] – *O Grande Vidro*, indica em sua parte de baixo o domínio do celibatário, enquanto a parte de cima pertence à noiva, eternamente inalcançável, formando, nas palavras de Tomkins,

“a misteriosa máquina-noiva” (*id.*, p. 176); a máquina celibatária ou máquina solteira. Segundo Magno, “a vontade de Duchamp era conceitual” ([1990], p. 83) e, além de uma obra produzida, tratou conceitualmente de temas fundamentais para a psicanálise. Importante citarmos a invenção do “*ready-made* criado a partir da radical indiferença” (*id.*, p. 68), o entendimento da Pulsão e do Revirão (*id.*, p. 83).

Concluimos que, nesse sentido positivado, em Solidária Solidão (em *Solitariedade*), afastado do mundo e pragmático no retorno, o celibatário (seja qual for seu sexo) pode ser tomado como exemplar da Pessoa do Quarto Império.

## Referências

[As datas entre colchetes se referem à primeira exposição oral ou publicação dos textos]

CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: Engenheiro do Tempo Perdido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

JAMES, Henry. *A Fera na Selva*, editora Rocco, 1985. Tradução e apresentação de Fernando Sabino.

LABATUT, Bejamín. [2019] *Quando Deixamos de Entender o Mundo*. São Paulo: Todavia, 2022. Trad.: Paloma Vidal

LAPOUJADE, David. *Ficções do Pragmatismo*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

\_\_\_\_\_. *William James, A construção da Experiência*, n-1 edições, 2017.

MAGNO, MD [2013]; MEDEIROS, Nelma. *Razão de um percurso*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015, item 51.

MAGNO, MD. [1990] *Arte & Fato - A nova Psicanálise: Da Arte Total à Clínica Geral*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018, seção 3.

\_\_\_\_\_. [1996] *Psychopathia Sexualis*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000.

\_\_\_\_\_. [1999] *A Psicanálise, Novamente*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004, seção 1.

\_\_\_\_\_. [2000/2001] *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003, seção 9.

\_\_\_\_\_. [2003] *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006, seção 26/ago.

\_\_\_\_\_. [2004] *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010, itens 57, 58, 59 e 60.

\_\_\_\_\_. [2007] *A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousia*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009, itens 72, 73, 74 e 75.

\_\_\_\_\_. [2011] *SóPapos 2011*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016, seção 13.

\_\_\_\_\_. [2013] *SóPapos 2013*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015, seção 35.

\_\_\_\_\_. [2018] *SóPapos 2018*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2020.

\_\_\_\_\_. [2020] *SóPapos 2020*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2023. Versão e-book

\_\_\_\_\_. [2021] *SóPapos 2021*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2022.

MEDEIROS, Nelma [2020]. *Sobre a proposição “O estatuto do Inconsciente é místico” em sua relação com o pensamento de Mestre Eckhart*. In: MAGNO, MD. *SóPapos 2020*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2023. Versão e-book

\_\_\_\_\_. [2000-2001] *A 'Hipótese Deus' e a Dedução Científica da Psicanálise: Considerações Preliminares*. In: MAGNO, MD. *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. p. 613-638

POGREBINSCHI, Thamy. *Pragmatismo. Teoria Social e Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. Bases da teoria lógica de Dewey. In: *Educação e o mundo moderno*. São Paulo: Editora Nacional, 1977, p. 61-88.

TOMKINS, Calvin. *Marcel Duchamp*. Prefácio de Paulo Venancio Filho. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

UNGER, Roberto Mangabeira. [2007] *O Homem Despertado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

WAAL, Cornelis de. *Sobre Pragmatismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.